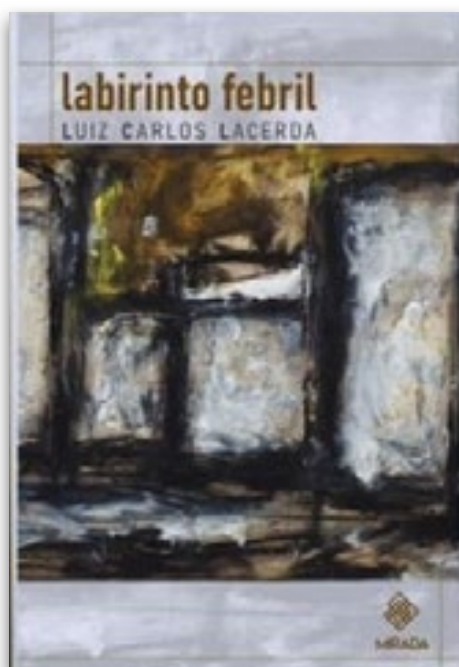




Acima, cena de 'Celebrazione', longa de Bigode sobre a passagem do diretor italiano Pier Paolo Pasolini pelo Rio nos anos 1970; abaixo, as capas dos novos livros de poesia do realizador brasileiro



carceramento. Lidos hoje, passados o furacão da Peste e o furacão político (um ligado e responsável pelo outro), vejo que apesar disso, dessa tristeza, nele avistamos alguns sinais de Esperança. Sabe-se lá como. Minha geração tem expertise de lidar com esses tsunamis. Lucio está (além das capas) sempre presente na minha vida de artista, vívido especialmente nessa atmosfera do "Labirinto febril". Labi-

rinto que enclausura. Febre de viver.

O que Cacá Diegues e Rosenberg Carri, que escrevem no livro, pontuam de mais singular na sua obra poética?

Rosenberg é um intelectual dos mais eruditos que há entre os cineastas brasileiros. Sua vasta cultura, presente nos seus belos e antológicos filmes, é capaz de dissecar uma

poesia, buscar com seu bisturi de sensibilidade e de múltiplas influências belezas de que nem eu próprio tinha consciência - como os surrealistas faziam, por exemplo. Foi movido por essa intenção, de entregar a arqueologia de minha escrita para ser desvendada, que pedi seu texto de apresentação. É um texto que leio e releio incessantemente, numa fruição de sua análise poética e reveladora, como tudo o que esse grande artista realiza. Cacá é um farol da cultura brasileira que me presenteou com esse facho de luz generoso sobre minha poesia. De dentro dela ele extrai, para meu espanto, a pérola que possa conter o seu interior. Rabisca de signos que encontra, no meu texto, um mapa que me surpreende e me remete responsabilidades assustadoras. Será que é tudo isso a minha poesia? É um privilégio ser contemporâneo deles! Em tempos de novas patrulhas e de discursos supostamente libertários, esconderijo de inconfessáveis preconceitos (como o etarismo), é com orgulho que me alinho a eles. Eu o faço sem a mesma competência e talento. Como escreveu Fernanda Montenegro, em outro contexto, mas bastante oportuno: "Quero estar ao lado das bruxas quando acenderem a fogueira!"

Em que ordem poesia e cinema se posicionam em sua jornada criativa? Onde e quando começa cada um e como eles se posicionam na sua obra?

Minha Poesia e o meu Cinema são indissolúveis e inseparáveis. Como no poema de Murilo Mendes, o "Formas Alternadas". Ele diz: "Não sei onde a mãe acaba/ e onde a filha começa". Sou filho de um pioneiro, João Tinoco de Freitas. Ele foi o produtor de "A Mulher de Longe", de Lucio Cardoso; de "Comício com Prestes"; e "Rio 40 graus", do Nelson Pereira dos Santos. Lembro de eles se reunirem aos domingos em nossas casas. Lá estavam os cineastas que viriam a ser os diretores do moderno cinema brasileiro - como indica a placa no prédio onde morávamos, em Copacabana. Já a poesia... essa era mais presente na minha vida de adolescente. Meu bisavô e meu avô paterno eram poetas, portugueses nascidos no século XIX. Meu pai e minha mãe me inocularam o hábito da leitura, mas era sempre prosa. Ela me deu os livros de Thomas Mann. Depois veio o Monteiro Lobato da Infância e o "Encontro Marcado", do Fernando Sabino, na adolescência. Na sequência vieram os livros de Jorge Amado, do Graciliano, de Zé Lins do Rêgo, e Lucio Cardoso, que era seu amigo. A poesia viria pelas mãos do meu avô paterno, quando eu era ainda menino, presenteadome com o livro do simbolista português Antonio Nobre. Depois viriam o poeta

Cláudio Murilo Leal - meu professor, que me revelou os modernistas brasileiros e os simbolistas franceses - e Waldir Ayala, que está focado nos poetas do Brasil. Eles dois, além de me incentivarem a escrever, publicaram meus poemas em antologias que organizavam, apresentando-os com enorme generosidade. O cinema veio depois, aos 19 anos. Tenho muitos títulos dedicados a escritores e meus filmes, muitos deles, obedecem a esse Cinema de Poesia sugerido por Pasolini.

O que um poeta brasileiro deveria ler na formação de si e na formação de sua obra?

Sempre repito o que declarou Lúcio Cardoso numa entrevista: "O único que aconselho é não aceitar o conselho de ninguém". Cada um descobre seu caminho, suas predileções e escolhas. Talvez o segredo seja experimentar, pesquisar. Hoje a Internet facilita o acesso. Eu tive a sorte de ter essas pessoas por perto. Meus pais; meu professor. Mas precisei correr atrás de leitura no Real Gabinete Português de Leitura, onde matava as aulas no ginásio, e na Biblioteca Nacional.

Que angústias e que levezas formam os versos de seus novos poemas?

Não há leveza nos meus poemas. Há um estado de transe, uma paixão que determina e escolhe cada palavra, cada verso. Nos poemas da juventude, muitas vezes prevalece somente o compromisso com a musicalidade e com a trágica sonoridade das palavras. Não é para fantasiar seu conteúdo, mas para deixar apenas pistas, reticências que o leitor vai costurando na compreensão daquilo que a sua sensibilidade é capaz de tecer. Como um tecelão que se deixa levar por sua sensibilidade poética. Todo ser é poeta, é só se permitir o salto sem nenhuma rede de segurança. Nos poemas atuais, menos pretensiosos, há um desejo da maior comunicação. Como se a consciência de que meu tempo vai se esgotando quisesse dizer alguma coisa. Não confunda com a ideia de "mensagem", pois isso não deve ser tarefa de poetas. Poesia é um grito à beira do vulcão em erupção.

Que filmes estão vindo por aí?

Acabo de lançar no Festival do Rio, "Celebrazione", uma homenagem à Pasolini, sobre o texto em que ele conta sua passagem pelo Rio em 1970. Preparo agora o documentário sobre Cavi Borges, um campeão de jiu-jitsu que se tornou, por acaso, o maior produtor de cinema independente do Brasil. Ele transformou o cinema em paixão obsessiva.